



Arca-relicário

A mais antiga representação iconográfica conhecida de São Gonçalo de Lagos é a que se encontra esculpida, em baixo-relevo, na tampa do seu túmulo-relicário manuelino, de calcário, colocado num nicho, na parede do lado da Epístola da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras. Trata-se de uma imagem jacente, datada de 1518, como se pode ler na inscrição gravada, em caracteres góticos minúsculos, na face superior do monumento:

"Esta sepultura é do bem-aventurado Frei Gonçalo de Lagos, feita no mês de Janeiro de 1518".

Referido como Bem-aventurado (Beato), Frei Gonçalo é retratado com grande simplicidade, mais próximo daquela que terá sido a sua figura ascética e, certamente, daquela que terá sido a sua imagem fúnebre: envergando o hábito de frade agostinho, em forma de túnica, franzido pela peculiar correia dos agostinhos, ornada e avelada à frente, com a ponta caída, em bico decorado, até à orla do hábito; as mangas relativamente largas, o cabeção arredondado caído sobre os ombros; e a cabeça, com a tonsura bem demarcada, envolta pelo capuz. As mãos postas sobre o peito, próximo da pose de oração. Aos pés, uma grande folha de cardo estilizada, símbolo de penitência e da Paixão de Cristo. Junto à cabeça, um *volumen*, representando o Novo Testamento, o livro que virá a ser um dos atributos da imaginária gonçalina barroca. Ainda junto à cabeça, uma marca de canteiro atesta a autoria do mestre que executou a obra escultórica.

O desenho é muito esquemático e a face do frade agostinho é pouco tratada e inexpressiva. Contudo, na sua simplicidade, reflete muitos dos valores que os hagiógrafos de São Gonçalo irão, mais tarde, evidenciar, como a simplicidade, a humildade e a penitência.



PINTURA

São relativamente escassas as pinturas alusivas a São Gonçalo de Lagos, de que há conhecimento.

Para além de uma notável tábua, que terá sido pintada, muito possivelmente, ainda no primeiro quartel do século XVII, conhecem-se mais três representações de São Gonçalo, pintadas sobre tela, datadas de entre os séculos XVII e XIX.

No âmbito das representações pictóricas contemporâneas, destaca-se também uma ilustração de São Gonçalo, da autoria do pintor húngaro János Hajnal, já nos alvares do século XXI.

DUARTE LOBO (1405)
MAGNIFICAT SECUNDI TONI
In Cantico Beatae Mariæ Virginis.
[Antwerpiae: Ex Officina Plantiniana].
Biblioteca Nacional de Portugal, C.I.C. 4 R.



S[ANCTUS] GONDISAL[V]US LACOBRI[G]ENSIS
Óleo sobre tábua, primeira metade do século XVII.

Fundação Jorge Avares - Legado de Filipe de Sousa, Inc. 128.
Pintura gentilmente cedida pela Fundação Jorge Avares.

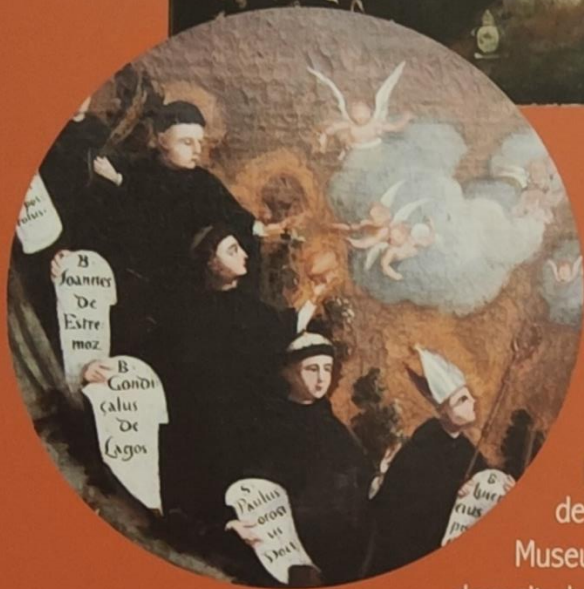
Sanctus Gondisalvus Lacobrigensis



Esta belíssima e inédita pintura a óleo sobre madeira, que representa a figura de São Gonçalo de Lagos é, seguramente, depois da figuração tumular de 1518, uma das mais antigas e das melhores representações do santo, podendo ser datada da primeira metade do século XVII. Com efeito, a estrutura arquitetónica pintada, que enquadra a figura do santo, apresenta um desenho renascentista-maneirista, que poderá ter sido a decoração padronizada de espaldares de um cadeiral monástico dessa época, entretanto desaparecido. Numa filactera dada em *trompe l'oeil*, na parte superior do quadro, é reproduzido, em notação musical, um trecho de um *Magnificat* do compositor Duarte Lobo (c.1564-1646), mestre de capela na Sé de Lisboa, obra editada em Antuérpia, em 1605, na prestigiada *Officina Plantiniana*. A letra desse passo do Magnificat, reproduzida na filactera, refere o versículo que diz "derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes".

No seu estado atual de conservação, a pintura não permite avançar atribuições de autoria ou mesmo datações mais rigorosas. Só depois de um estudo material extenso e rigoroso e de novas pesquisas documentais, se poderão descortinar elementos iconográficos hoje pouco visíveis e confirmar a suposição de se tratar de um espaldar de um cadeiral monástico da Ordem Agostiniana e poder saber mesmo a que convento poderá ter pertencido. A peça foi arrolada no inventário dos bens dos conventos extintos em 1834, e chegou a receber a marca com a coroa real e um número de inventário, ambos já identificados no verso do suporte e na documentação remanescente, em estudo. Nessa condição, integrou a coleção da chamada Galeria da Academia de Belas Artes, que está na origem do Museu Nacional de Arte Antiga. Algumas peças dessa coleção viriam a ser, posteriormente, entregues a outras entidades públicas ou mesmo vendidas para se obterem fundos destinados à aquisição de outras obras, o que explicaria a sua saída da esfera pública e a sua entrada em coleções privadas, tal como ainda hoje se encontra. São Gonçalo é representado com grande simplicidade, tonsurado, com uma auréola dourada, envergando o hábito agostinho e segurando um livro de música, em atitude meditativa.

A pintura pertenceu ao maestro e compositor Filipe de Sousa (1927-2006) que, em vida, manifestou ao Museu Municipal Leonel Trindade o seu desejo em ver a peça exposta em Torres Vedras, num momento evocativo de São Gonçalo de Lagos.



De entre as pinturas sobre tela que representam São Gonçalo de Lagos, a mais antiga é uma tela monumental, que mede 1,66 m X 2,55 m. A pintura, proveniente da Igreja do antigo convento agostiniano de São João Novo, no Porto, integra o espólio do antigo Museu de Etnologia do Porto, estando, atualmente, depositada no Museu Nacional Soares dos Reis.

Intitulada *Misticae Avgvstiniensis Eremi Sacrvm Gloriae Decorisque Theatrvm* (Representação sagrada da glória mística e da probidade do Eremitério de Santo Agostinho), a obra, anónima, reproduz uma gravura de cerca de 1683, da autoria de Oliviero Gatti (c. 1579-1648), que representa uma *árvore genealógica* da família agostiniana. Enraizada em Santo Agostinho, a árvore eleva-se aos céus, em direção à Santíssima Trindade, em ramos sucessivos, que assinalam, por grau de importância, 248 agostinhos que se notabilizaram e alcançaram fama de santidade: arcebispos, cardeais, mártires, beatos e santos.

São Gonçalo de Lagos figura no lado direito da árvore e no seu ramo superior, que é classificado como *Sanctorvm & Beatorvm Lvsitani nostri eremiterii, chorvs refulgens*, ou *coro resplandecente dos Santos e dos Beatos do nosso eremitério português*. Frei Gonçalo integra, assim, o grupo dos Bem Aventurados, cerca de um século antes de ser beatificado. É representado tonsurado, segurando na mão direita uma cartela com a sua designação – *Beatus Gondicalus de Lagos* – e, na mão esquerda, o pão sagrado e radioso, que eleva e dirige aos anjos que se aproximam.

MISTICAE AVGVSTINIENSIS ERAMI SACRVM

GLORIAE DECORISQVE THEATRVM

Óleo sobre tela, a partir de gravura de Olivier Gatti, c. 1683

Museo Nacional Soares dos Reis, DEP 729 - Museu de Etnologia de Paris
Fotografia Jorge Godinho / INEIS / DSPC, Rui Pinheiro / INEIS / DSPC

S. GONÇALO DE LAGOS

Óleo sobre tela, século XVIII/IX

Igreja de Santiago, Tavira
Fotografia Pinheiro de Tavira

S. GONÇALO DE LAGOS

Óleo sobre tela, século XVIII/IX

Igreja de São Clemente, Loulé
Fotografia Jorge Braga



São conhecidas duas outras telas pintadas, não assinadas, representando São Gonçalo de Lagos.

Uma, é proveniente da Ermida de Nossa Senhora das Angústias, em Tavira, encontrando-se, atualmente, na Igreja de Santiago, no mesmo concelho. A outra encontra-se na Igreja de São Clemente, em Loulé.

Ainda que com estilos diferentes, ambas reproduzem a imagem de São Gonçalo que será difundida através dos registos estampados, representando os mesmos atributos, nomeadamente o barco, o eremitério e os livros de música litúrgica. Ambas nomeiam, igualmente, de forma particularmente notória, o santo representado, não deixando qualquer dúvida relativamente à sua identificação.



Uma das mais recentes representações pictóricas de São Gonçalo de Lagos é uma ilustração de János Hajnal, um eminente pintor, ilustrador e vitralista húngaro radicado em Itália, cujas composições são fortemente inspiradas pela arte cubista. A pintura, cujo original se encontra no gabinete do Postulador da Ordem Agostiniana para as Causas dos Santos, em Roma, integrou uma encomenda da Ordem para a ilustração da obra *Il fascino di Dio: profili de agiografia agustiniana*, editada no ano 2000.

A complexa ilustração está recheada de atributos relacionados com a vida de São Gonçalo de Lagos, que é retratado no seu *scriptorium*, na produção de uma obra iluminada, interrompendo o seu trabalho para se dedicar à doutrinação de duas crianças, as quais ilumina com a luz que resplandece da cruz que segura na mão esquerda, mantendo na mão direita a pena de desenho e ignorando, em sinal de castidade, a jovem que a seu lado se insinua. Sobre Gonçalo, um listel com a legenda *Gundisalvus de Lagos* e o brasão com as armas de Portugal.

O Decreto de beatificação de São Gonçalo de Lagos, assinado por Pio VI a 27 de maio de 1778, autorizou o culto litúrgico ao novo beato, no território português. A partir dessa data, várias igrejas, especialmente na Diocese do Algarve e no Patriarcado de Lisboa, mandaram executar imagens de culto de São Gonçalo, para colocar nos respetivos altares, ou pequenas imagens para integrarem oratórios – caso das imagens do Paço Episcopal de Faro e do nicho de São Gonçalo, em Lagos – permitindo aos crentes a prática devocional ao seu santo protetor.

A maior parte das imagens de São Gonçalo são, por essa razão, coevas entre si, datando de entre o último quartel do século XVIII e o primeiro quartel do século XIX, sendo também, conseqüentemente, muito similares, ao nível da sua representação artística.

A maior parte da imaginária gonçalina, que integra alguns exemplares de grande qualidade artística, é constituída por esculturas de vulto pleno, em madeira estofada, dourada, policromada e encarnada (tipo de pintura que reproduz o aspeto da carne humana), de características barrocas, especialmente notórias no tratamento das carnações (rosto e mãos), na exuberância das roupagens e no esplendor dos dourados. São Gonçalo é representado de pé, em posição frontal, ora segurando a cruz na mão esquerda e tendo a mão direita levantada, em atitude de pregação, ora segurando a cruz na mão direita e o *volumen* na mão esquerda, em atitude religiosa (hierática). Surge maioritariamente com resplendor ou auréola, quase sempre tonsurado e apenas a imagem da Igreja da Graça de Coimbra o apresenta barbado, como Santo

O conjunto azulejar da portaria do Convento da Graça de Torres Vedras constitui uma das maiores expressões artísticas dedicadas a São Gonçalo de Lagos.

Os oito painéis historiados que narram a vida e os milagres de São Gonçalo, datados de 1725, fazem parte do monumental conjunto azulejar que reveste as paredes da Portaria, da Antessacristia, da Sacristia e do Claustro do convento, encomendado a um importante pintor do chamado “*Ciclo dos Mestres*”, de nome desconhecido, mas que é reconhecido pela sigla P. M. P., que figura nalgumas das suas obras.

No conjunto da Portaria do convento, a vida de São Gonçalo de Lagos é retratada desde que o frade agostinho assume o priorado do convento de Torres Vedras, evocando-se algumas passagens relativas à sua ação, morte, trasladação das suas relíquias e milagres que operou, nomeadamente aquele em que salvou o sobrinho de um naufrágio.

O Beato é representado em estado glorioso, com uma auréola de santidade em torno da cabeça, envergando, tanto o hábito preto dos agostinhos, como o hábito branco usado em eventos solenes e festivos. A figuração de São Gonçalo em cenas do quotidiano, aliada à expressão cordial que o pintor lhe conferiu, tornam-no particularmente próximo dos devotos e mais distante da representação solene que marcará as suas imagens de culto.





ÁRIA



Agostinho. Enverga o hábito preto dos agostinhos, quase sempre com a clássica correia de couro ornada e afivelada à frente, as mangas exageradamente largas e o cabeção arredondado caído sobre os ombros. Na imagem da Igreja de São João Novo do Porto, tem aos pés uma nau e um eremitério, seus atributos mais habituais nos registos estampados.

A imagem policromada, acolhida no Nicho de São Gonçalo, em Lagos, e que marca o local do nascimento do santo, é a única destas esculturas que é executada em barro.

SÃO GONÇALO DE LAGOS
Escultura de vulto, em madeira policromada, século XVII.
Igreja do Colégio de Nossa Senhora da Graça, Coimbra.
Fotografia: V&A Fundação das Artes

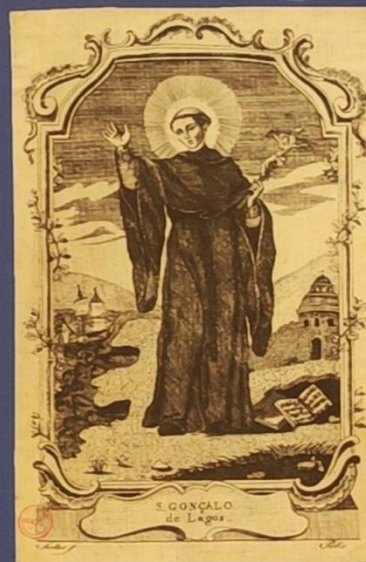
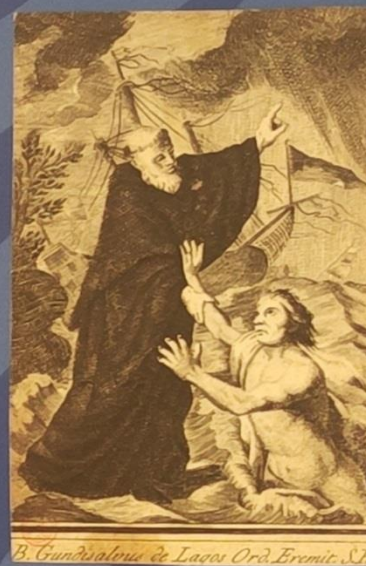
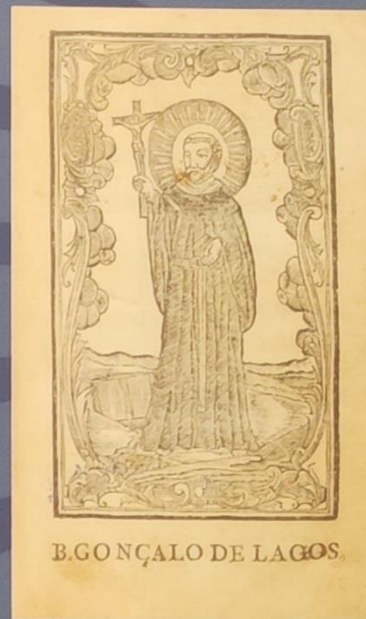
SÃO GONÇALO DE LAGOS
Escultura de vulto, em madeira policromada, século XVII.
Igreja de São João Novo (antigo convento), Porto.
Fotografia: Jorge Gonçalves Santos



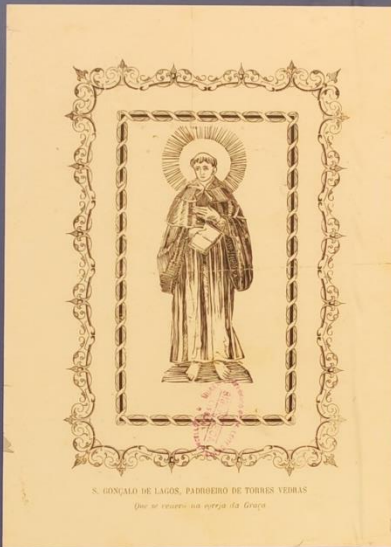
As comemorações do VI Centenário de São Gonçalo de Lagos, que tiveram lugar em 1960, e o I Colóquio Gonçalino, realizado no ano seguinte, em Lagos, promoveram uma renovação do culto a São Gonçalo e uma consequente produção de novas imagens de vulto, para o culto eclesiástico. Estas, são imagens de uma produção mais comercial e de menor cariz artístico, que revelam claramente a sua contemporaneidade.



SÃO GONÇALO DE LAGOS
Escultura de vulto, em madeira policromada,
segunda metade do século XX.
Igreja de Nossa Senhora da Luz, Lagoa.
Fotografia: Paróquia de Lagoa.



REGISTOS Estampas



S. GONÇALO DE LAGOS, PADROEIRO DE TORRES VEDRAS, QUE SE VENERA NA BARRIA DA GONÇA.
São Gonçalo, de pé, segura na mão direita um livro e tem a mão esquerda sobre o peito. Apresenta a seguinte legenda:
Estampa religiosa gravada pelo Sr. J. J. de Sousa.
L. L. N. N. N. N.
Banco Nacional de Portugal, 1910, 95, 1, 6, 10, 47, 74.

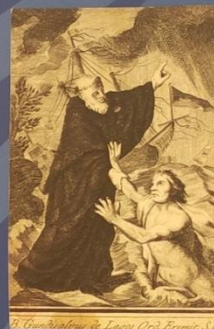
Os registos de santos, ou "estampas de devoção", são gravuras impressas em papel, adquiridas, a maior parte das vezes, como recordação de uma peregrinação ou romaria. Objetos devocionais de grande acessibilidade financeira, tiveram ampla disseminação entre as classes populares, a partir da segunda metade do século XVIII, coincidindo com a beatificação de São Gonçalo de Lagos. Destinados a uma devoção pessoal, eram guardados em livros de piedade ou pequenos oratórios, conferindo ao proprietário a proteção do santo. A crença religiosa considerava, igualmente, que o próprio registo absorvia a santidade emanada do santo nele representado e atuava como seu representante, na sua função milagrosa (taumatúrgica). Foi o que sucedeu com o rei D. Pedro III que, padecendo de uma chaga numa perna, se curou ao invocar São Gonçalo de Lagos, colocando sobre a chaga "uma imagem estampada" do santo.

A generalidade dos registos de São Gonçalo designa-o como Santo — e, não, como Beato — e reproduz a imagem escultórica que figura nos altares, segurando o *volumen* numa mão e o crucifixo na outra, em atitude de pregação. A seu lado, um barco navegando evoca a proteção dada a mareantes e pescadores, um eremitério simboliza uma prática ascética e, aos pés, livros de música recordam o seu papel na produção de livros de cantochão.

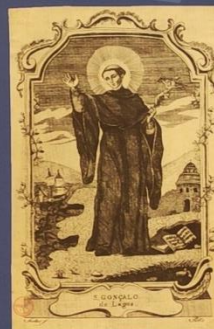
As mesmas gravuras são utilizadas, também, na ilustração de publicações hagiográficas dedicadas a São Gonçalo.



B. GONÇALO DE LAGOS.



A. Gonçalo de Lagos. Orla. Escultura. 1711.

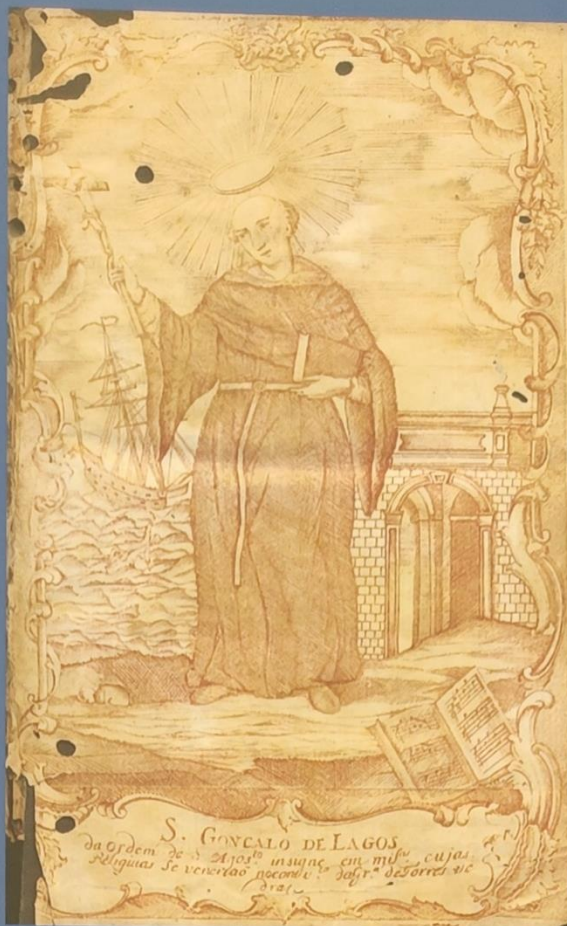


S. GONÇALO DE LAGOS.

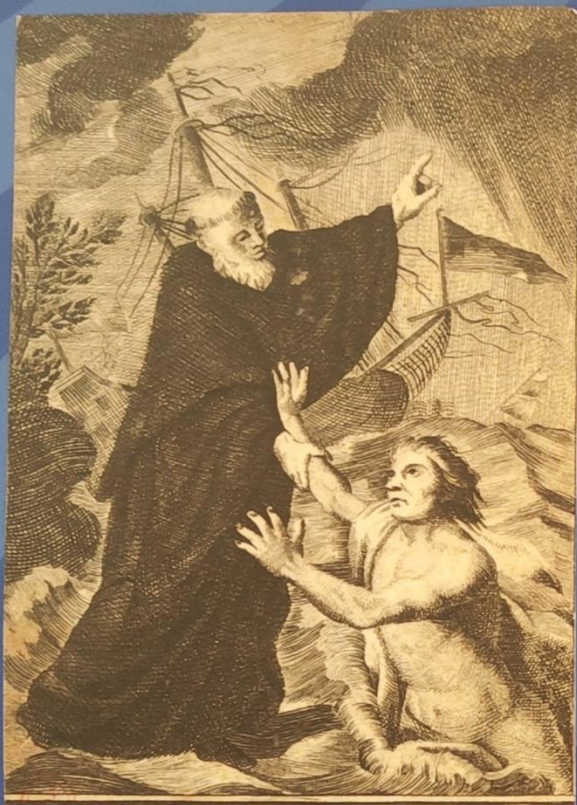




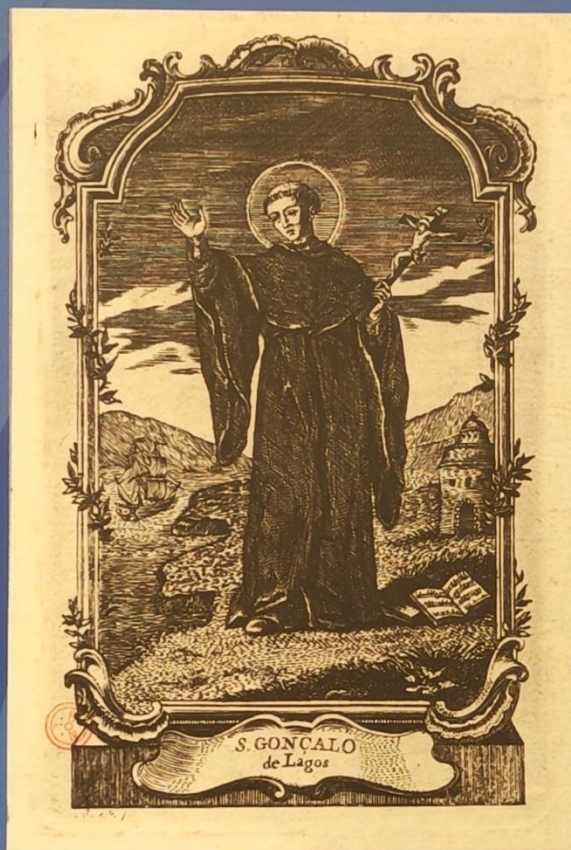
B. GONÇALO DE LAGOS.



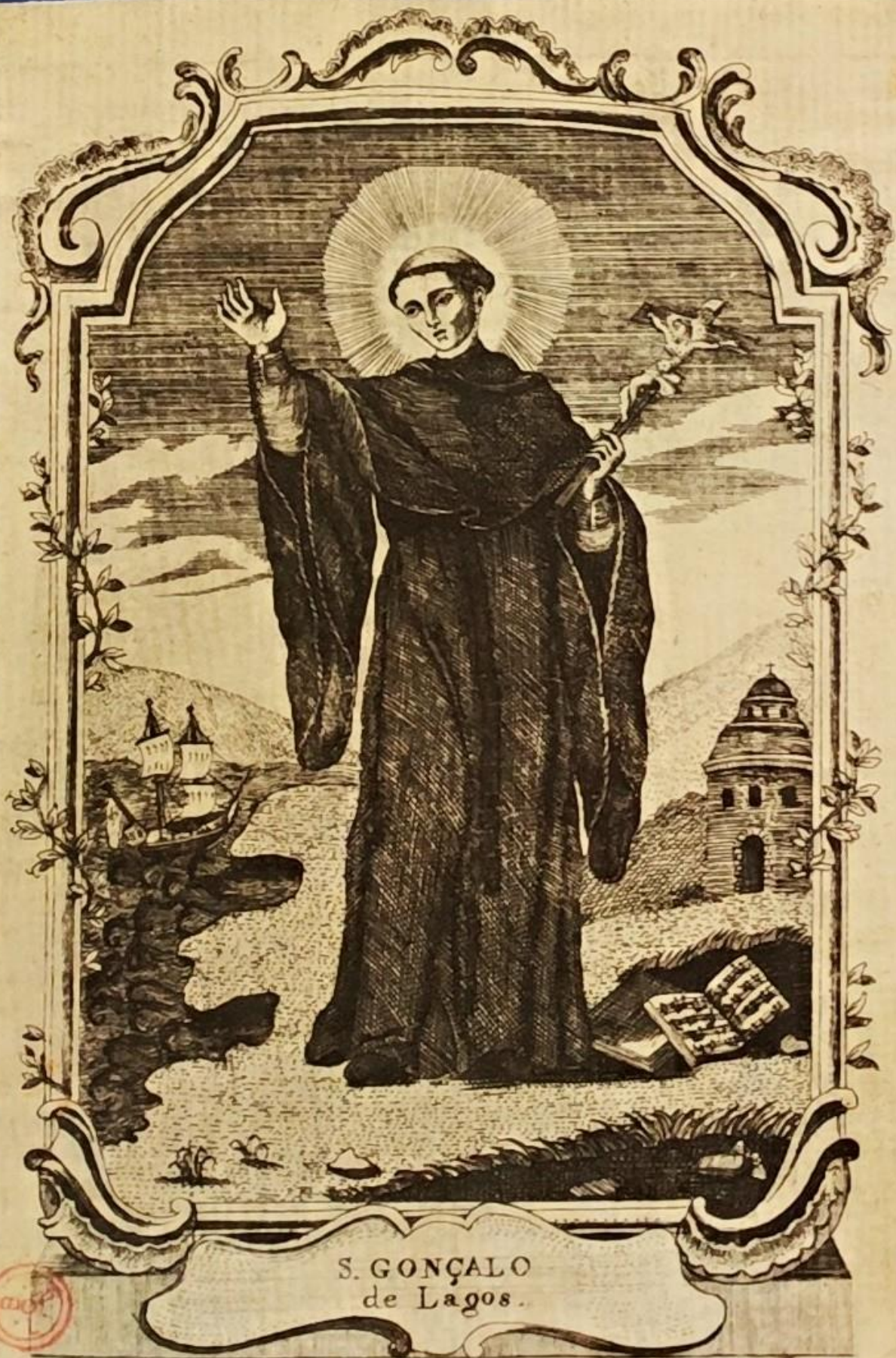
S. GONÇALO DE LAGOS
da Ordem de S. Agostão insigne em m.º cujas
Relíquias se venerão no Convento de S. Agostão de Lagos
1712



B. Gundisalvus de Lagos Ord. Eremit. S.P.



S. GONÇALO
de Lagos



S. GONÇALO
de Lagos.



Jantos f

Festo



18 01
S. GONCALO. DELAGOS.

01.



A exemplo de outras figuras santificadas, a imagem de São Gonçalo de Lagos foi também utilizada, ainda que de forma limitada, em registos de azulejos, aplicados em habitações particulares ou em templos cristãos, numa extensão do conceito dos registos estampados.

Estes registos são pequenos painéis de azulejos figurativos, de natureza decorativa, colocados, normalmente de forma isolada, nas fachadas de edifícios, sobre as portas ou entre as janelas, com funções devocionais e protetoras (apotropaicas). Nalguns casos, o seu significado é semelhante ao dos *ex-votos*, relacionando-se com o cumprimento de promessas. Mas, na sua maioria, constituem formas populares de invocação da proteção dos santos, sobre a habitação e a família do proprietário. São, geralmente, encomendas de particulares a olarias locais, envolvendo valores mais modestos e uma menor qualidade artística.



-Velho, 1801.

Os registos de azulejo, em Portugal, disseminaram-se após o terramoto de 1755, como forma de invocação da proteção dos santos contra calamidades, coincidindo com o processo de beatificação de São Gonçalo de Lagos, no último quartel do século XVIII. No Algarve, é possível verem-se alguns registos de São Gonçalo, nomeadamente em algumas casas de Faro e de Lagos.



PÕE NA PRAIA AO SOBRINHO E MANDA-O VISITAR A SUA SEPULTURA NA VILA DE TORRES VEDRAS.
Registo existente no prédio n.º 2 da Rua da Cruz das Mestras, Faro.
Linha: Fábrica Constância, Segundo quartel do século XIX.
Fotografia: Jorge Gonçalves Guimarães.



O B[ATO] GONÇALO DE LAGOS DÁ VISTA A UMA MULHER CEGA, MANDANDO-LHE LAVAR OS OLHOS EM ÁGUA DE SARDINHAS.
Registo existente no prédio n.º 3 da Rua Serpa Pinto, Faro.
Linha: Fábrica Constância, Segundo quartel do século XIX.
Fotografia: Jorge Gonçalves Guimarães.



RETRATOS de São Gonçalo

"Acabei por achar, nas suas linhas gerais, aceitável o retrato que os cronistas agostinianos nos deixaram do Beato Gonçalo de Lagos.

Um tipo humano excepcional, personalidade rica, variada, complexa, brilhante – digamos "algarvia" – dotada, ao mesmo tempo, da bondade de um justo, da prudência de um sábio, da facúndia de um orador, da sensibilidade de um artista, da subtilidade de um teólogo, da firmeza de um chefe, da ternura de uma criança. Não é um Santo de qualquer parte; é um Santo do Algarve.

Se ele assim foi, é assim que nós queremos que ele continue a ser, na sua aparente diversidade,

na volubilidade fulgurante do seu espírito e do seu talento, na sua eloquência vívaz, na sua comovedora simplicidade, no seu entranhado amor aos humildes, às crianças e ao Mar. Quanto mais Gonçalo de Lagos se parecer conosco, mais desvanecidos nós veremos nele o Santo padroeiro (...).

Eis o homem, como nós o sentimos".

Não Dantas – Retrato de São Gonçalo.
In Boletim do Grupo de Estudos Gonçalinos, 1. Faro, 1964, p. 6.



Retrato

Representação, descrição, imagem, effigie de alguém; modelo, exemplo.

Representação visível de uma pessoa e das suas características físicas, psicológicas e morais, pela pintura, desenho, fotografia, escrita ou através da oralidade.

O retrato deve reproduzir, não apenas a fisionomia ou as poses da pessoa, mas captar o carácter, a personalidade e a alma, refletidos no seu olhar, nas feições, no gesto, na figura.



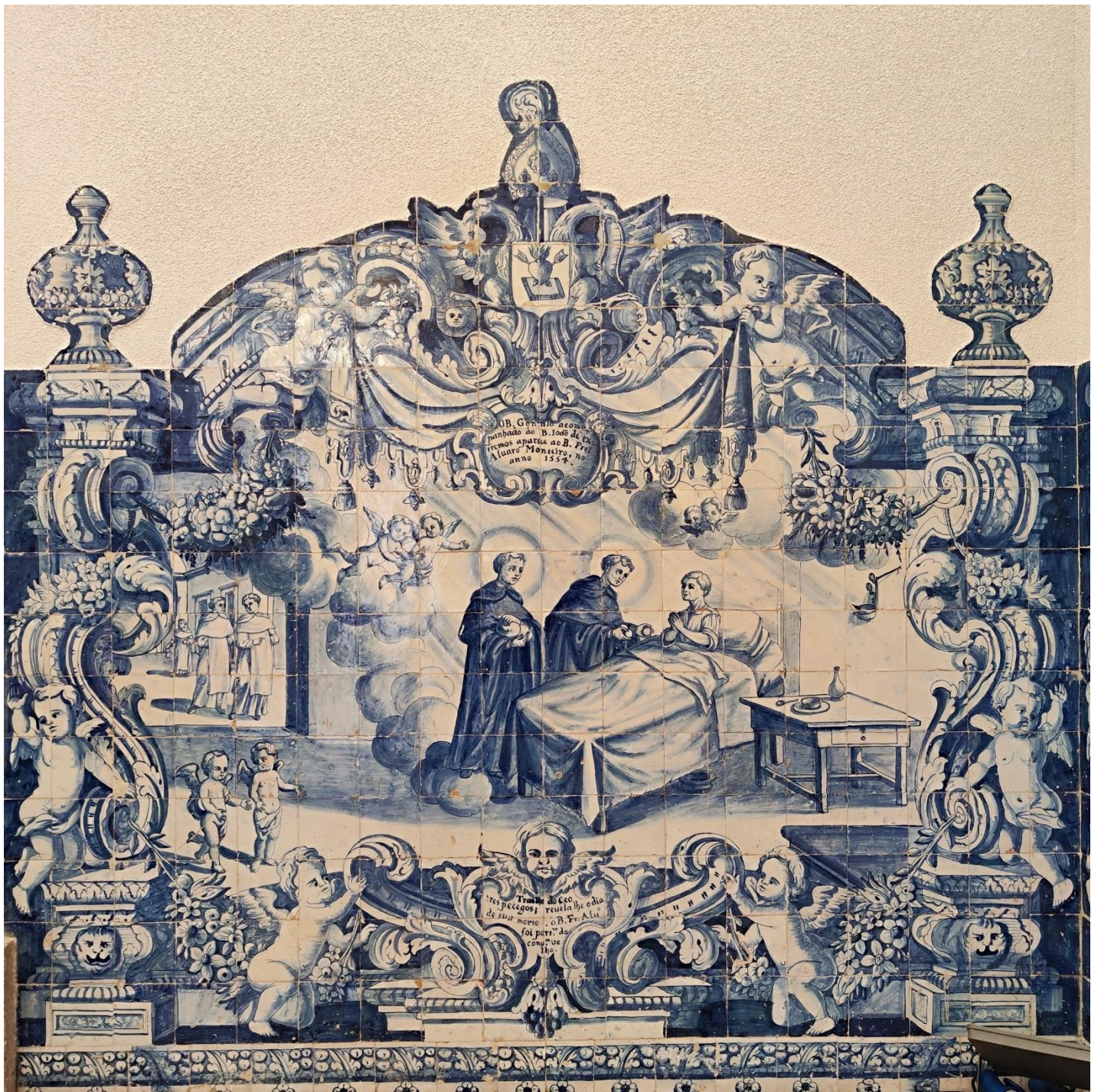
Os retratos conhecidos de Frei Gonçalo de Lagos, tanto de natureza literária como plástica, são todos bastante posteriores à sua morte, não existindo qualquer representação visual que seja contemporânea da sua vivência.

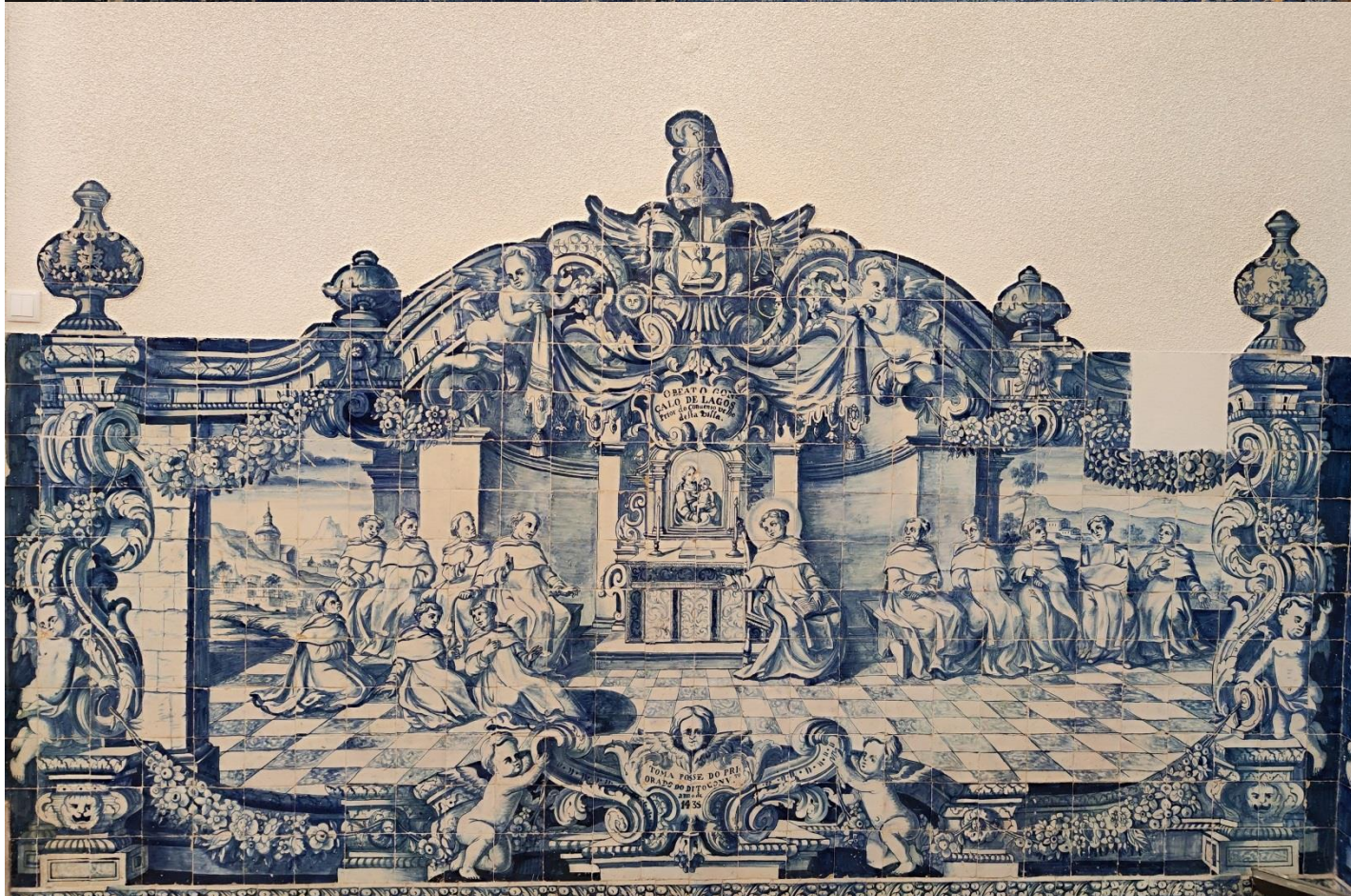
A mais antiga representação conhecida do santo, foi executada cerca de um século após o seu falecimento, sendo as restantes bastante mais recentes. Não podem, assim, ser olhadas como representações autênticas ou, sequer, verosímeis, capazes de fornecer uma reconstituição aproximada do aspeto físico do frade agostinho. De resto, a hagiografia gonçalina é abundante em informações sobre a personalidade do santo, mas que nada transmitem sobre a sua aparência física.

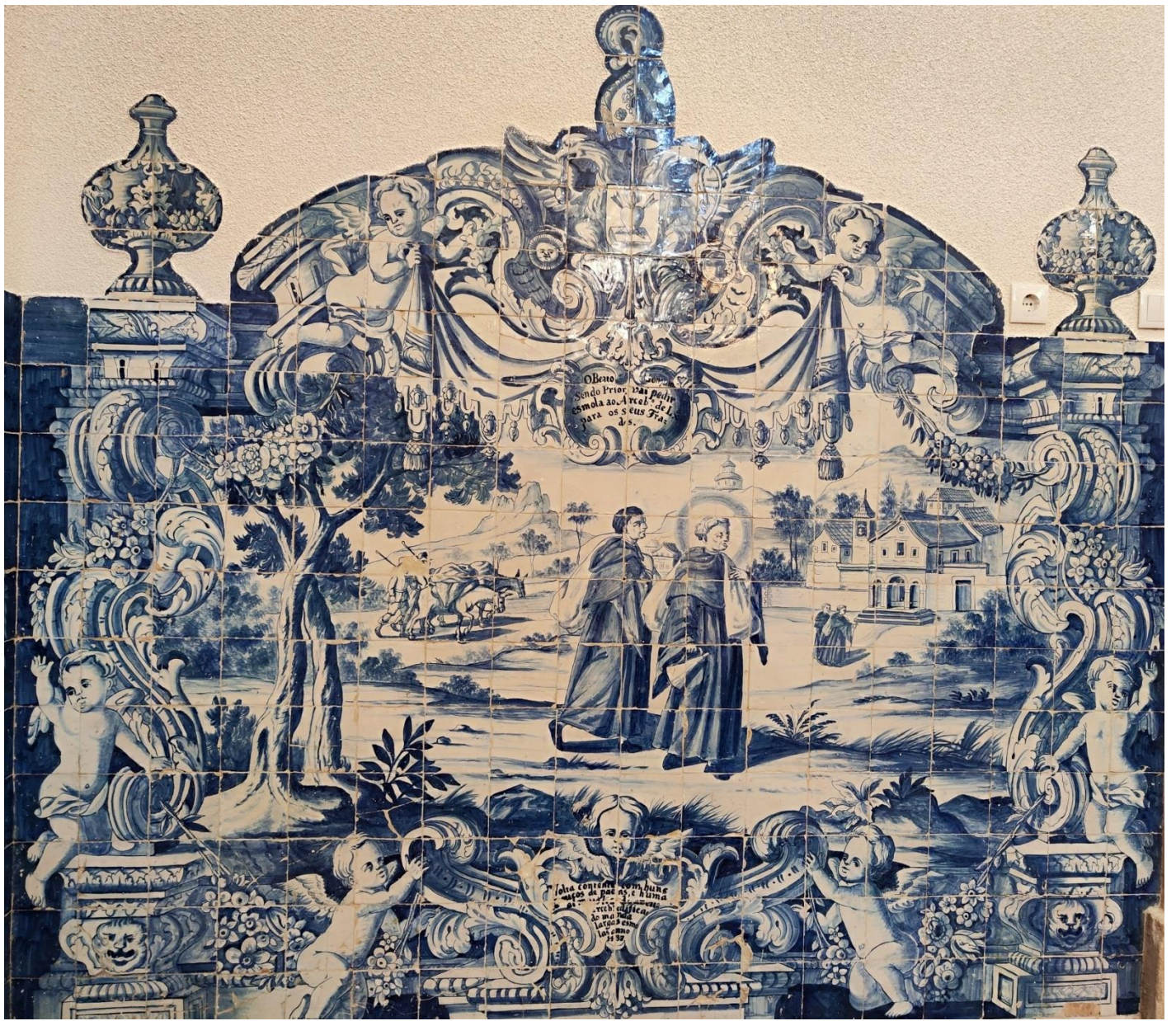
A imagem de São Gonçalo de Lagos que nos foi legada é, por isso, o resultado de uma interpretação e de uma construção cultural, processada ao longo de seis séculos, que conjugou escassos factos históricos documentados, com episódios enraizados na tradição oral, na hagiografia e na cronística, especialmente nas memórias e nas crónicas da Ordem de Santo Agostinho, com o propósito de edificar uma imagem que conjugasse a vida real da personagem histórica com uma santidade excepcional, envolta por uma aura sobrenatural. As representações do santo têm, assim, uma função essencialmente simbólica, devocional e cultural, permitindo aos crentes uma maior proximidade e identificação com a sua figura tutelar.











O Bem
Sendo Prior, vai para
comida ao Arceb.
para os seus Fra.
ds.

folha contendo o nome, humas
cópia da paz e a humas
de um lado
luzes em
luzes em

